

UMA NOVA FORMA DE PESQUISAR EM EDUCAÇÃO: DESVELANDO A INVESTIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Yvone Mello D'Alessio Foroni

Qualquer prática nova e diversificada que reconhece saberes populares desvalorizados sempre sofre rejeição e tentativa de exclusão, pois assusta poderes e saberes hegemônicos e dominantes...

Pedrinho Guareschi

Este trabalho tem uma autoria compartilhada. Ele advém dos anos passados em minha pesquisa de doutorado efetuada no Programa de Educação-Currículo da PUC/SP sob a orientação de Ivani Fazenda e da convivência com outros pesquisadores no GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) e só se efetiva pela colaboração dos vários autores e dos parceiros que dele participam.

Minha experiência com esse grupo se traduz pela busca coletiva de uma didática de pesquisa pautada por uma racionalidade sensível que possa acrescentar novas formas de pesquisa a uma construção em parceria subsidiada por teóricos da interdisciplinaridade e cujo diálogo reúne pesquisadores advindos de diferentes áreas disciplinares. E é nesse contexto interativo, onde temáticas inovadoras se fundem num espaço comum de articulação temporal, que fazemos um mergulho nos princípios da interdisciplinaridade...

A convivência com esse grupo tem-me trazido algumas perguntas que iniciam neste trabalho e cuja exposição submeto à partilha contínua:

- ***O que é o grupo de pesquisas GEPI?***
- ***Como um grupo de pesquisadores advindos de áreas disciplinares possuidores de monólogos disciplinares (ou de um diálogo justaposto) se torna um grupo interdisciplinar de pesquisadores que fazem trocas inter-subjetivas?***
- ***Como tornar possível uma inter-comunicação a partir de uma intra-comunicação auto-cognoscente?***

- ***O que é uma investigação interdisciplinar¹?***
- ***O que difere uma pesquisa de uma investigação interdisciplinar?***
- ***Como Fazenda orienta investigações² interdisciplinares?***

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade (GEPI)

O GEPI de Ivani Fazenda congrega professores com desejos de criar, de superar barreiras e dificuldades institucionais. Esses professores-pesquisadores se reúnem em encontros de aprendizagem e reciprocidade constantes, onde refletem sobre problemáticas que vivenciam em contextos de complexidade, incerteza, singularidade, instabilidade e conflitos de valores. Cada membro do grupo traz opções individuais de uma pesquisa que deriva de suas áreas de interesse e formação, das questões originadas na própria vivência e da sua observação da realidade. Por estarem imersos na prática, partindo da ação de professor, esses pesquisadores buscam uma epistemologia da prática, marcada pela união reflexiva do pensar e do fazer.

Os orientandos de Fazenda vivenciam, na sua busca e produção do conhecimento, dois movimentos simultâneos: um primeiro, individual, que lhes impõe questões existenciais, axiológicas e epistemológicas relacionadas com a problemática de sua pesquisa e que os incita a analisar características e singularidades, contradições e ambigüidades, a se debruçar sobre a realidade pesquisada e dela extrair conhecimentos (esse movimento lhes propicia trazer marcas pessoais com todas as suas possibilidades de articulação visando a compreensão da realidade estudada) e um segundo, coletivo, nos encontros do GEPI, em que como orientandos-pesquisadores observam que sua compreensão

¹ Os estudos de FAZENDA têm mostrado que Interdisciplinaridade não é integração de conteúdos, mas sim, trabalhar o conteúdo na sua totalidade. Mais do que o encontro de disciplinas, o encontro se faz com pessoas. Trata-se de conduzir o processo educativo partindo da realidade do aluno, aprofundando-se no contexto de sua gênese, caminhar para o conhecimento acumulado historicamente, abrindo múltiplas e variadas possibilidades para que se possa chegar à essência e totalidade do fenômeno que se mostra. Como participação torna-se possível perceber o caráter da construção que emana da investigação interdisciplinar quando o ser enraizado na sua existência, pela mediação do corpo, vê-se situado no espaço e no tempo, ser histórico, habitando o mundo e interferindo nele.

² Segundo Vitor Trindade em seu livro "Lugares dos sujeitos nas pesquisas educacionais" investigar supõe muito mais do que um diagnóstico, avaliação e sugestões. Supõe intervenção

se faz limitada e que só o diálogo e a troca com seus pares, - juntando-se todas as angústias, inquietações e possibilidades de encaminhamentos teóricos – os farão construir um saber ágil, compartilhado e passível de ser operacionalizado e atualizado. O GEPI é o espaço construído por Ivani Fazenda para esse diálogo de pesquisadores, onde proliferam reflexões a partir de textos³ provocativos e inovadores, utilizados como poderosos mecanismos de desestabilização e preparação e uma forma de revitalização intelectual advinda do aprendizado em colaboração. Os pesquisadores trabalham e refletem juntos diante de um universo de diferentes temáticas. Dessa forma, agregado a um grupo de pesquisa, o pesquisador consegue, coletivamente, enriquecer e avançar em seus estudos individuais, ao mesmo tempo em que contribui com as pesquisas dos demais.

Os dois movimentos assim constituídos requerem de Fazenda profundas transformações no *conteúdo e nas formas tradicionais (individuais e coletivas) de orientar pesquisas*, um desapego às *verdades hegemônicas* conquistadas pelo aprofundamento *metodológico* disciplinar (oferecido pelo programa em que é docente) e apontam para uma atitude interdisciplinar de *ousadia e busca* frente ao conhecimento e à metodologia de pesquisa. Caminhos novos de ensino e pesquisa são continuamente construídos em parceria com seus orientandos. Trazem uma historicidade diferente e uma nova prática dialética de formação de professores-pesquisadores, pois, com o intuito de promover a integração e o desenvolvimento do espírito de convivência pacífica e de solidariedade com os parceiros-pesquisadores, suas *diferentes temáticas e novas formas de pesquisa*, apóia-se na historicidade pessoal, nas memórias e nas necessidades de cada um,

³ Num dos seus textos disponibilizados aos seus orientandos, FAZENDA, ao refazer de forma dissertativa o percurso dessa escolha de textos para o GEPI reconstrói um mapa através de quatro textos (ou conversas) e deixa explícita a importância de questões como as da comunicação numa metodologia interdisciplinar ou seja, atitudes ante aspectos ocultos do ato de aprender. Coloca: *“...nos propusemos percorrer uma trilha que já havíamos percorrido em projetos anteriores, dar-nos a conhecer, colocando nossas dúvidas para melhor nos comunicar e a partir das mesmas, criar novos atalhos, novas formas de interação (...) a primeira dificuldade enfrentada foi construir um texto mobilizador de dúvidas. Para tanto iniciei (...), discorrendo sobre dúvidas minhas, existenciais, que vêm acompanhando o ofício de pesquisar a interdisciplinaridade, dúvidas que desejava compartilhar. A intenção foi conversar sobre interdisciplinaridade exercendo-a, vivendo-a, numa troca, em parceria. O convite foi formulado propondo o seguinte desafio: não espero respostas espero perguntas...(Fazenda, 2001)*

atendendo a princípios interdisciplinares como a *escuta*, a *espera*, a *humildade*, o *respeito*, o *desapego* e a *ousadia*.

- Como um grupo de pesquisadores advindos de áreas disciplinares possuidores de monólogos disciplinares (ou de um diálogo justaposto) se torna um grupo interdisciplinar de pesquisadores que fazem trocas inter-subjetivas?

- Como se torna possível uma inter-comunicação a partir de uma intra-comunicação auto-cognoscente?

Para que se possa responder à essa questão, faz-se necessário retornar à dinâmica de Fazenda ao colocar seus orientandos nesses dois movimentos simultâneos e complementares: a orientação individual e a com-vivência no GEPI.

O primeiro movimento feito por Fazenda na orientação individual de cada pesquisador: *a busca de sua questão existencial*

A orientação individual⁴ feita por Fazenda a cada orientando, ao centrar-se na pessoa na qualidade de ser humano, se apóia na análise introspectiva feita de suas práticas, de maneira a lhe permitir reconhecer aspectos de seu ser (“eu”) que lhe são desconhecidos. Ao tomar consciência de sua aproximação interdisciplinar, o pesquisador se lança em novas formas de pesquisa. Dessa forma, além de questionar os conteúdos do saber-pesquisar, de interrogar os processos de aprendizagem do pesquisador, Fazenda o incita, como ser humano, a se inclinar sobre sua própria experiência humana e sobre as maneiras como as coisas se apresentam através dela. Essa primeira perspectiva, adotada por Fazenda, é profundamente influenciada pela fenomenologia; o olhar é dirigido sobre a subjetividade de sujeitos inseridos no mundo da vida e sobre a sua intersubjetividade da pesquisa, no plano temático e metodológico. Esta abordagem fenomenológica da interdisciplinaridade, evidenciada na bibliografia de Fazenda, coloca em destaque a questão da *intencionalidade*, a necessidade

⁴ Segundo uma abordagem fenomenológica.

do *auto-conhecimento*, da *intersubjetividade* e do *diálogo* e se centra principalmente no saber-ser-pesquisador, entendido como descoberta de si pelo estudo dos objetos inteligíveis e a atualização de atitudes reflexivas sobre seu agir. Ela coloca também em evidência que o pesquisador está inserido numa realidade social problemática sob inúmeros aspectos e que não pode se subtrair às questões políticas. Nesse sentido, a interdisciplinaridade traz também um projeto político no plano educativo, o de propor outras maneiras de conceitualizar a sociedade, outras abordagens da ação de formação e, assim, outras visões de relações sociais, mais respeitosas da dimensão humana.

A partir desse movimento ontológico, o orientando passa a percorrer os caminhos epistemológicos do saber conhecer e os axiológicos do saber fazer. Amplia o diálogo com toda a produção científica armazenada do universo temático de sua pesquisa e experiências relacionadas e, no GEPI, participa de discussões e trocas que o fazem passar de um estágio de monólogo (ou de um diálogo justaposto de área disciplinar) para um estágio posterior de trocas inter-subjetivas. Dessa forma, o GEPI propicia uma inter-comunicação a partir de uma intra-comunicação auto-cognoscente.

Nas pesquisas interdisciplinares, a orientação se faz diferentemente com cada orientando

Quando Fazenda se preocupa com a formação de um pesquisador que possa dialogar, trocar informações e dúvidas sobre o que sabe, e principalmente, *sobre o que busca e não sabe*, assume o papel de pessoa-recurso em espera vigiada. Fica pronta para embarcar com ele em seus questionamentos e projetos inovadores e se torna parceira no risco da inovação. Para tanto, espera, escuta e se desapega de formas convencionais de pesquisa...

Isso nos aponta para outras questões:

- Como se faz a orientação de uma pesquisa interdisciplinar?

- O que é uma investigação interdisciplinar?

-O que difere a pesquisa interdisciplinar de uma investigação interdisciplinar?

Minha vivência com a Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda aponta para a necessidade de que se reconheça *cada orientando* compreendendo-o não como uma *tabula rasa*⁵ na pesquisa, mas como alguém que necessita explicar sua disciplinaridade em termos históricos, metodológicos e teóricos para que possa trabalhar criticamente com métodos e conceitos disciplinares incorporando abordagens interdisciplinares à complexidade de sua pesquisa....⁶. Portanto, as pesquisas interdisciplinares necessitam ser orientadas por educadores que constantemente revejam suas práticas padronizadas de orientação e humildemente entendam que qualquer planificação metodológica deverá ser subsequente a um movimento de *escuta* a cada orientando em particular e ao seu problema de pesquisa . Afinal, o método *serve* ao problema de pesquisa e não o contrário. Esses movimentos - de rever/questionar e refletir sobre sua prática de orientar- e reconhecer os orientandos-pesquisadores que se tem, conhecê-los, ouvi-los, convidá-los a participar e colaborar com liberdade (no conteúdo e na forma) como quiserem e puderem, na elaboração de um trabalho conjunto que lhes seja significativo – permitem ao orientador identificar que seus orientandos, - apesar de comporem uma turma com um corpo próprio, formado de realidades múltiplas- possuem conhecimentos diferenciados e talvez necessitem de

⁵ Segundo KLEIN, as pesquisas em Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda fizeram com que ela se deparasse com a beleza e a riqueza das práticas que os professores experienciam intuitivamente e observasse que essas práticas continham propostas inusitadas para uma teorização em educação. No entanto os insights intuitivos poderiam se atrofiar se os próprios professores não pudessem explicar sua disciplinaridade em termos históricos, metodológicos e teóricos e se não pudessem trabalhar criticamente com métodos e conceitos disciplinares incorporando abordagens interdisciplinares. Para a autora, a grande contradição que Ivani Fazenda descobriu em seus estudos sobre ensino interdisciplinar no Brasil está na indiscriminada proliferação de práticas intuitivas não reconhecidas como interdisciplinares pelos professores que as professam e outras rotuladas como tal que talvez não possam ser necessariamente engajadas como “práticas interdisciplinares”. KLEIN coloca que não existe uma pedagogia interdisciplinar única, ainda que o registro dessas práticas revele que os professores valem-se de pedagogias inovadoras que promovem o diálogo e a comunidade, a capacidade de colocar e resolver problemas e o cultivo do que Fazenda chama de “*atitude interdisciplinar*”(KLEIN, Julie . p.119 Ensino Interdisciplinar: didática e teoria. In FAZENDA, Ivani.(org) Didática e Interdisciplinaridade. Campinas, SP. Papirus, 1998)

⁶ Segundo FAZENDA: “*Abarcar a questão da experiência docente nessa tríplice dimensão: do sentido, da intencionalidade e da funcionalidade, requer cuidados de diferentes ordens, cuidados nas pré-suposições teóricas investigando os saberes que referenciam a formação de determinado professor, cuidados ao relacionar esses saberes ao espaço e tempo vivido pelo professor, cuidados no investigar os conceitos por ele apreendidos que direcionaram suas ações e finalmente cuidado em verificar se existe uma coerência entre o que diz e o que faz*” (FAZENDA, 2000. p.3)

maneiras alternativas de pesquisar. O reconhecimento dessa multiplicidade identitária dos orientandos possibilitará ao orientador, *deixar aflorar conteúdos individuais criativos* de cada pesquisador, os seus valores, suas necessidades e a sua liberdade de expressão.

O segundo movimento na orientação das pesquisas interdisciplinares: compreender o grupo de orientandos que se tem e as necessidades coletivas desse grupo

Fazenda, ao priorizar a formação e o desenvolvimento de um *espírito de convivência e participação conjunta*⁷ nos orientandos, colocando em ação conhecimentos geradores de outros conhecimentos, mostra que tenta compreender as necessidades desse grupo. Dessa forma, faz uma adequação de suas atividades de ensino ou proposta de estudos (desapega-se de sua própria cultura pedagógica) e atende às características do grupo de orientandos,. A teia de relações que se estabelecem nessa situação micro-social apontará para transformações curriculares e a criação de contextos educativos que favorecem a construção individual e coletiva de saberes, pela integração criativa e cooperativa dos sujeitos e de seus contextos sociais e culturais. Será nesse instante que as atitudes interdisciplinares de *espera, humildade, coerência, desapego, ousadia, respeito, colaboração* surgem espontaneamente...e o GEPI consegue transformar situações de confronto de opiniões e acirradas discussões em momentos de complementaridade e integração de posturas divergentes.

- Como Fazenda orienta seus orientandos?

⁷ FAZENDA coloca: "A participação na comunicação não é algo que se ensina mas que se descobre. Participar requer reciprocidade e cumplicidade, atributos fundamentais ao estabelecimento de parceria (...) O ato de comunicar ocorre no processo ou no produto do objeto a ser comunicado.(...) Revisito minhas produções sobre o tema e reafirmo a necessidade de compreender o sentido da comunicação para que um diálogo aconteça (...) Sem aperceber-se que as questões da interdisciplinaridade são as da comunicação, os alunos exercitam a comunicação em sua mais plena intensidade (...) O segundo texto surge na forma de hora de devolver. A autora se pergunta quanto ao procedimento (resposta coletiva?), (realimentar ou rearticular o enigma?) e apresenta sua decisão: uma resposta teórica se configura "(FAZENDA, 2000. p. 7).

Da reprodução e aplicação rigorosa de uma metodologia de pesquisa hegemônica à compreensão do problema de pesquisa (em suas múltiplas dimensões) e busca de alternativas metodológicas⁸.

Retomando conceitos de uma alfabetização⁹ interdisciplinar.....

-Quais os movimentos que constituem uma investigação interdisciplinar e que possibilitam ampliar o campo de compreensão a respeito da metodologia de sua investigação?

Tanto quanto a alfabetização, uma pesquisa pode ser metodologicamente concebida de duas formas diferentes cujos resultados pedagógicos podem mudar drasticamente: num primeiro caso, se tanto a alfabetização como a pesquisa são entendidas como *codificação*, tanto os elementos como as relações já estão predeterminados. O alfabetizando-orientando e o orientador-alfabetizador não fazem senão encontrar uma representação diferente para os mesmos elementos e as mesmas relações, estando o caminho previamente delineado. A produção científica restringe-se à *aplicação rigorosa do método*.

Porém, se o que se pretende é buscar a *criação* de uma representação, nem os elementos e nem as relações mostram-se predeterminados. Tem-se um segundo caso, que os leva a construir percursos a partir de hipóteses pessoais e trilhar os

⁸ Segundo FAZENDA "o preceptor é "aquele que ajuda o discípulo a fazer uma leitura das coisas próprias do conhecimento em geral. O discípulo é aquele que gradativamente é indicado a ampliar essa leitura. Preceptor e discípulo trazem consigo conhecimentos próprios de um e de outro que, ampliados, sintetizam uma proposta eterna e primeira da educação: **paidéia**⁸ é forma de parceria em que alguém, não alfabetizado para as coisas do mundo, amplia ou tem a possibilidade de ampliar seu universo próprio de leitura com alguém que viveu mais, que pôde ler mais e que se dispõe com o discípulo, a inaugurar também para si, o exercício da troca. Em troca, em parceria, ambos evoluem - preceptor e discípulo - e, com essa evolução, a possibilidade de construção/produção de novos conhecimentos.(FAZENDA, 1995a, p. 38 -grifos nossos)

⁹ O sentido de alfabetização aqui é mais amplo: vemos a alfabetização como o conhecimento do mundo e a possibilidade do homem comunicar-se e se expressar nele. Começamos a "ler o mundo" quando descobrimos que ele é feito de coisas com as quais podemos interagir e que esse mundo pode ser imitado, dramatizado, transcrito, em diferentes linguagens e expressões. Portanto, alfabetizar, nesse trabalho, ultrapassa o sentido de *decodificar e aplicar rituais de escrita, leitura e cálculo*, supondo a compreensão de situações que nos rodeiam, sua identificação, sua expressão em diferentes formas e linguagens....Dessa forma, várias tentativas de produção de "escrita" e diferentes experiências de "ler" antecedem o que se convencionou comumente como a leitura e escrita do homem.....e a alfabetização se inicia com a vida e é permanentemente construída pelo homem na sua constante leitura do mundo (reprodutiva, interpretativa e simbólica) e na escrita criativa a partir de elementos que lhe são significativos e interpretativos..

passos que levam à compreensão da natureza da representação.¹⁰ Agora, o método precisa ser pesquisado...

Numa investigação interdisciplinar se concebe método como a organização e a construção de um caminho que se mostra ao caminhar¹¹ e que visa reconstituir a unidade do objeto, que a fragmentação dos métodos convencionais separou¹². Para tanto, essa investigação deve colocar o pesquisador em contato com a vida na sua totalidade, ligando questões existenciais às intelectuais. Essas vêm sempre de uma prática; emergem do cotidiano, da ação, do registro e da sua história de vida e esse movimento tenta procurar nele os vestígios daquilo que o impelem a duvidar .

Como dissemos anteriormente, a pesquisa interdisciplinar parte da premissa que o professor é sempre um pesquisador que vive cotidianamente num universo cultural, onde a pesquisa se faz através da emergência de situações que o impelem a ações intuitivas e revisão de práticas pedagógicas alicerçadas, e que trazem consigo problemáticas para sua atuação profissional. Esse professor, detentor de todo um arcabouço teórico-prático eleito e que tem sustentado sua prática, vê-se repentinamente frente a um contexto problemático imediato, passa a construir hipóteses e se introduz, repentinamente, nas pesquisas intelectuais...

Para Fazenda, a primeira pergunta é sempre para o sujeito que pergunta

Para desenvolver uma pesquisa existencial que tem como objetivo desvelar um desejo (às vezes oculto) do pesquisador, é necessário que ele consiga apropriar-se das raízes, sustentáculos do seu desejo: tentar encontrar o símbolo (ou

¹⁰ FERREIRO coloca: "*Tentaremos esclarecer, mostrando como exemplo: na transcrição da escrita em código Morse, todas as configurações gráficas, que caracterizam as letras, se convertem em seqüências de pontos e traços, mas a cada letra do primeiro sistema corresponde uma configuração diferente de pontos e traços, em correspondência biunívoca. Não aparecem "letras novas" nem se omitem distinções anteriores. Contrariamente, a construção de uma primeira forma de representação adequada, costuma ser um longo processo histórico, até se obter uma forma final de uso coletivo.* (FERREIRO, 1990, p.12)

¹¹ Segundo CORTELLA, citando Paulo Freire, "*não há busca de saber sem finalidade. Dessa forma, o método é, sempre, a ferramenta para a execução dessa intencionalidade; como ferramenta, o método é uma escolha e, como escolha, não é neutro. O melhor método é aquele que propuser a melhor aproximação com o objeto, isto é, aquele que propiciar a mais completa consecução da finalidade.* (CORTELLA, 2003, p.111)

¹² FAZENDA, 1995a, p.89

metáfora, refrão) que se esconde dentro de si, a fim de poder desvelar as marcas e as interferências que permaneceram inscritas e o alimentaram no seu trajeto na Educação. Para isso Fazenda propõe uma volta desse pesquisador ao seu mundo interior, um retorno que percorre desde seu nascimento, contextualizando historicamente os fatos, a vida, para que o mesmo vá refletindo e desvelando a história que o gerou. Assim, chegará a “*habitar-se a si mesmo*”, nos seus limites e possibilidades e compreenderá as atitudes que manifesta em suas ações. Porém, não será uma descrição linearmente simples de sua história de vida que o fará chegar a essa compreensão, mas estabelecendo uma escuta e uma fala com essa história, que lhe possibilite captar os detalhes e, em cada detalhe, ouvir sua própria fala, sentir suas vibrações, e perceber o que, muitas vezes, parecia não ter importância. Deve estabelecer um diálogo com as representações que se mostram e, através dele sinalizar possibilidades, fazer conexões, aproximar os fatos semelhantes, atentar para as diferenças...

Torna-se necessário ingressar nesse caminho e renascer com maior clareza, entendimento e compreensão do seu próprio modo de ser/agir. A proposta de Fazenda de exegese em busca de uma matriz interior, propicia observar o verdadeiro sentido da pesquisa para o pesquisador, sua marca pessoal de pesquisa. Para a autora, o processo de desvelar a interioridade coloca o sujeito em contato com a vida na sua totalidade (bio-psico-social-emocional-afetivo), fazendo-o conhecer-se e se contextualizar numa dimensão histórico-social, “*trazendo ao nível da consciência os fatos significativamente vividos*” (FAZENDA, 1995a, p. 89)

A segunda pergunta é para o(s) outro(s)

Para a segunda pergunta, Fazenda propõe que se torne estranho, o familiar. É na “*operação de tomarmos distância do objeto que dele nos aproximamos. A tomada de distância do objeto é a aproximação epistemológica que a ele fazemos*” (FREIRE, 1995, p.124). Inicia-se, assim, uma abertura comunicacional, um movimento dialógico entre vários teóricos e aspectos significativos presentes nas histórias de vida do pesquisador. Fazenda coloca que, ao se efetivar esse autêntico diálogo entre o autor e a obra, a leitura cria possibilidades de que se efetive um maior encontro entre o pesquisador e seu eu e “*a leitura o conduzirá*

a um melhor conhecimento não só do mundo, como de si mesmo” (FAZENDA, 1995, p.56). Acrescenta que *ler e habitar* os autores que escrevem sobre o tema, pesquisar como aparece em diferentes disciplinas, aprimorando o gosto pela evidência, consubstanciando ou modificando-a no diálogo com autores, fazem com que o pesquisador emergja na História das Ciências para tentar entender a evolução do conceito de Ciência que alimentou o engessamento *de* conceitos em sua vida. Situado na Pós-modernidade, observa a transitoriedade das verdades que o alimentam. Parte para uma investigação desse problema existencial em diferentes disciplinas e descobre que os conceitos se organizam em blocos; faz um diálogo com as teorias para a materialização do seu conceito de pesquisa...¹³

O terceiro movimento é o de viver o encontro na ação....

Num terceiro movimento o pesquisador expõe essa construção à prática que alimentou o processo. As dificuldades enfrentadas na prática e sua superação questionam novamente o constructo social do tema. Representações de sua história construída, a interação com os teóricos e a vivência do encontro na ação profissional e no grupo de pesquisadores¹⁴ são possibilidades de vivência na interdisciplinaridade. Aprimora-se na busca do sentido que se insere no momento da revelação entre compreender e interpretar que se faz no movimento entre o pesquisador e sua obra. Em permanente construção...

(In) concluindo....

Minha convivência com Fazenda na observação sistemática de movimentos de construção de uma pesquisa interdisciplinar tem mostrado que:

- para que o processo de produção e recriação do conhecimento aconteça de forma prazerosa e significativa, a pesquisa, que se quer trabalhar, precisa estar

¹³ FAZENDA, memorial de aula. 2003

¹⁴ FAZENDA descreve as dificuldades encontradas no trabalho em grupo: . *“Quando vocês dizem da dificuldade do trabalho em grupo, há que se considerar 3 coisas: -integração a partir do conhecimento- que nos conduz-nos ao conceito de disciplina -integração a partir dos sujeitos – que nos conduz à interação, condição fundamental para que a disciplina vire conhecimento - integração a partir de uma coerência entre palavra e ato. Essas três coisas estão embutidas no recurso que a interdisciplinaridade usa e que aconselho que dele façam uso: da recuperação do projeto individual de você enquanto educador, para descobrir qual o eixo condutor de suas ações ou seja, seu sentido de existência na educação”*(Fazenda, 2000)

imbricada nas relações e interações do cotidiano da sala da aula, da vida dos professores (o que vale dizer que a pesquisa interdisciplinar parte, sempre, da ação).

- apesar de o orientando trazer uma pré-compreensão do que é pesquisa interdisciplinar, a partir de uma pergunta que ele se faz num determinado momento emergencial, situado e definido no seu projeto de pesquisa, ele necessita ser conduzido ao âmago do constructo, buscando pela parceria, o sentido da pesquisa em sua vida

- ao chegar a essa conscientização, o pesquisador apresenta hipóteses de pesquisa. Fazenda orienta-o nas suas hipóteses e o orientando observa que seu conceito de pesquisa convencional é um pré-conceito e que a pesquisa interdisciplinar não é definitiva e está sempre em construção

- o orientando aprofunda-se na História das Ciências e tenta entender a evolução do Conceito de Ciência que alimentou o engessamento e a fragmentação dos saberes. Observa o conhecimento organizado em blocos e, vivendo a pós-modernidade e a transitoriedade das ciências, encaminha-se para novas formas de pesquisa.

- Fazenda propõe uma visita a autores e trabalhos como tese fundante na Interdisciplinaridade. Apresenta a Fenomenologia e a Hermenêutica, possibilitando a auto-compreensão e a auto-revelação¹⁵ dos aspectos significativos possíveis para a categorização *do sentido* de sua pesquisa na educação.

- esse caminho percorrido com a Orientadora propicia ao aluno-pesquisador recuperar o seu design de pesquisa, bem como reafirmá-la numa dimensão maior que uma simples integração de disciplinas. Esse processo do “fazer uma pesquisa interdisciplinar” desorganiza seus esquemas cognitivos estruturados e através da interpretação e compreensão, possibilita-lhe a reconstrução/criação de novos esquemas de pesquisa

O trabalho de orientação de Fazenda, parte da crença de que pode haver diferentes formas de pesquisar em Educação e de que há novos esquemas

¹⁵ Segundo ESPÓSITO, “*ao se produzir o encontro de horizonte do texto transmitido, seja este uma obra de arte, documentos históricos ou ainda condutas sociais, políticas e religiosas, ao se darem à auto-revelação e auto-compreensão, passam a fazer parte da chamada região de*

cognitivos para ações educativas. Dessa forma, trabalhando com pesquisas existenciais e, sendo o caminho mutável na trajetória, cada pesquisa interdisciplinar é única; jamais o produto de uma pesquisa mostrará o processo percorrido, os produtos das pesquisas interdisciplinares serão construções diferenciadas criadas a partir de cada pesquisador. Esse movimento de pesquisa não é linear: pode ir e vir, sair do particular para o geral ou do geral para o particular, sair do individual para o coletivo ou ao contrário, habitando simultaneamente tempos e espaços diferentes...com rigor e liberdade!.

Não me alongarei mais nesse texto. O que quero sublinhar aqui, é que essa nova forma de Fazenda orientar pesquisas - questionando posições mais ou menos estabelecidas, ampliando o conceito de método de pesquisa em Educação - torna difícil assentar seu trabalho sobre alicerces já engessados nos currículos dos programas de pós-graduação. No mínimo, leva a uma reconceitualização ou a um *enfoque diferente* nas pesquisas que se relacionam à pesquisa-intervenção e à formação do educador como *ser pesquisador que está numa pesquisa*. Na realidade, todo o edifício pedagógico fica afetado pela sua proposta de acréscimo e mudança (mostrada na prática de orientação de Fazenda) que considera a condição humana dos pesquisadores em sua processualidade, (um novo olhar para o pesquisador como um sujeito subjetivado no interior de práticas coletivas, institucionais e sociais).

E, em resposta à questão problemática “*Como se ensina a pesquisar?*” tradicional pergunta usada como alavanca pedagógica para discussões expressas nas disciplinas obrigatórias de Metodologia da Pesquisa Científica (nos Programas de Pós-graduação existentes), Fazenda contribui com outras questões que a complementam:

- ***Como podemos tornar a pesquisa mais significativa para o pesquisador?***
- ***Podemos trabalhar com alternativas metodológicas de pesquisa sem abrir mão do rigor científico?***

- *Como fazer emergir no professor o adormecido gosto pela pesquisa?*
- *Como fazer dele um pesquisador de alternativas metodológicas de pesquisa?*

Outubro/06

Referências bibliográficas

- CORTELLA, Mário S. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 7ª ed..São Paulo. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003
- ESPÓSITO, Vitória H.C. Da construção do conhecimento ou o arco hermenêutico. Texto disponibilizado pela autora ao Programa PEC Município em 2002.
- _____A escola: um enfoque fenomenológico, Cortez São Paulo. 1993
- Fazenda, Ivani C.A . Interdisciplinaridade. Um projeto em parceria. São Paulo. Loyola 1995a
- _____ (org) A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas, SP, Papirus 1995b
- _____ (org) Didática e Interdisciplinaridade. Campinas, SP. Papirus, 1998)
- _____ Fundamentos epistemológicos para a interdisciplinaridade. 2001. Mimeografado (Texto de circulação interna, disponibilizado pela autora aos seus orientandos)
- FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. Trad. Horácio Gonzáles (et.al.) São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 6.ed. São Paulo: Ed.Olho d'Água, 1995
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo, Editora Moraes, 1980
- GUARESCHI, Pedrinho A. *Pressupostos Psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização* in: SAWAIA, Bader (org) *As Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* . Petrópolis. Editora Vozes, 1999 5ª edição p. 141
- TRINDADE, Vitor. Lugares dos sujeitos nas pesquisas educacionais